



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO ARTESANAL E SUAS REPERCUSSÕES: ESTUDO DE CASO NO SETOR TURÍSTICO DE NATAL/RN

Área Temática: Estudo sobre Tecnologia e Trabalho

Bruno C. L. da C. Silva¹, Camila R. Laricchia², Jorge F. L. Iglesias³, Mariama S. A. da Silva⁴, Thyago de M. D. Borges⁵

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Natal, Natal-RN – brunoccls@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Natal, Natal-RN – camila_laricchia@hotmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Natal, Natal-RN – jorge_longa_iglesias@hotmail.com

⁴Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Natal, Natal-RN – mariamaskya@hotmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Campus de Natal, Natal-RN – tdborges@hotmail.com

Resumo

O presente artigo analisa a organização da atividade artesanal de uma artífice que trabalha com fuxicos no setor turístico de Natal/RN. Aborda-se a necessidade de entender como a artesã trabalha, mostrando as características da organização do artesanato individual simples e do sistema de encomenda domiciliar. O objetivo do artigo consiste na análise da atividade artesanal no que se refere à repercussão desse trabalho e a proposta de melhorias que venham a agregar valor ao ofício dessa artesã. Nesse sentido, tem-se a necessidade de, inicialmente, descrever a organização do trabalho artesanal e seu contexto, sua inserção no ambiente e na sociedade, dando enfoque nas repercussões dessa organização para o produto, para a produção, para o mercado, e para os trabalhadores em relação às condições de trabalho. Assim, foi possível tecer algumas características marcantes nessa forma de produção e propor melhorias que potencializem essas repercussões quando positivas e melhorem as negativas. Utilizou-se como recursos metodológicos a ação conversacional aliado a registros fotográficos e pesquisa bibliográfica. Constatou-se que a maneira como a artesã realiza seu trabalho interfere na sua disposição, na quantidade e qualidade de produtos gerados/criados e na escala do mercado.

Palavras-chaves: Artesanato; Sistema de encomenda domiciliar; Produção.

1 Introdução

O artesanato se constitui de um ofício que vem sobrevivendo por vários séculos. Grupos de famílias vêm passando essa arte de geração em geração através dos mestres comprometidos com o artesanato, os quais passam seus conhecimentos para seus aprendizes com o intuito de preservar tal ofício. No entanto, é notório que, com o avanço do capitalismo, essa técnica vem perdendo seu enfoque e dando lugar a novas



formas de organizar o trabalho, as fábricas, ligadas às exigências mercadológicas e voltadas ao parcelamento do trabalho. A arte de criar algum produto artesanalmente tem se marginalizado diante do crescente pensamento de acumulação de capital através dos quais se busca produzir mais, com custo baixo, aumentando o lucro por consequência. Apesar das adversidades encontradas pelos profissionais dessa atividade, o artesanato ainda se apresenta como uma atividade relevante, constituindo um interessante objeto de estudo e análise.

Segundo Freitas (2006), o artesanato é um tipo de atividade que tem contribuído bastante para o desenvolvimento. A UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (FREITAS, 2006) atenta para o papel cultural, social e econômico da atividade artesanal na vida das comunidades. “O artesanato baseado no legado de tradições passadas que se renovam em cada geração, constitui um verdadeiro ‘patrimônio vivo’” (CUÉLLAR, 1997 *apud* FREITAS, 2006, p. 1). Nesse sentido, o estudo dessa atividade se justifica, pois [MS4] “A atividade artesanal se projeta como um fato econômico porque, inserida no campo do trabalho, acaba por se constituir em um problema de produção” (PEREIRA, 1979 *apud* FREITAS, 2006, p. 2).

Na tentativa de proporcionar uma aproximação com o sistema de trabalho artesanal, uma pesquisa de campo foi realizada com uma profissional da área que trabalha com fuxicos, em um ambiente preponderantemente turístico onde a atividade é bastante valorizada. Desse modo, o objetivo deste artigo consiste na análise da atividade artesanal no que se refere à repercussão desse trabalho e a proposta de melhorias que venham a agregar valor ao ofício”. Esta análise será baseada nas repercussões que essa forma de organização do trabalho proporciona para o trabalhador, para a produção, para o trabalho e para o mercado. A partir da experiência vivenciada e com o devido conhecimento a respeito das características das formas de organização da produção artesanal, conseguiu-se entender como esta atividade de relevância, não só econômica como também cultural e social, se realiza. Nesse sentido, essa relação direta com a atividade artesanal concreta, permitiu-se uma reflexão sobre a disposição desse trabalho. Portanto, tem-se a necessidade de, inicialmente, descrever a organização e sua inserção no ambiente e na sociedade com posterior análise nessas diretrizes.

Vários aspectos da organização do trabalho da artesã foram observados. O processo produtivo foi analisado e discutido com a intenção de levantar as características da organização do trabalho a partir da compreensão de como a atividade artesanal se realiza, levando-se em consideração as repercussões percebidas para o produto em termos de qualidade, para o profissional em relação às condições de trabalho, para o mercado no âmbito da satisfação, e para a produção no que diz respeito à quantidade. A partir de então, e com o conhecimento tácito necessário, chegou-se a proposição de melhorias que venham interferir na organização do trabalho artesanal.

2 Referencial Teórico

No Brasil, as pessoas mais desfavorecidas economicamente, diante das situações de vulnerabilidades, se sujeitam às atividades que agridem a saúde, nos seus mais diversos gêneros para a construção do bem-estar de uma minoria. Minoria essa representada pelos donos do capital, que, justificado pela “redução dos custos”, não agregam valor à força de trabalho humano, e, também, à massa populacional consumidora de produtos



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

e/ou serviços que exige a qualquer custo o atendimento de suas necessidades. Embora seja essa a realidade, o “trabalho” – enquanto expressão da atividade humana com suas características físicas, cognitivas, psicológicas, sensoriais e as experiências e competências – é determinante na eficiência de uma produção.

O trabalho, em conjunto com os meios de trabalho, está inserido na transformação das matérias-primas em produtos acabados, no “processo de trabalho”, que, considerando os contextos sociais e antropotecnológicos, configura-se como “processo de produção”. (SALDANHA, 2007). Nessa lógica, não dá para tratar de avaliações de processos de produção apenas em termos de qualidade, produtividade, eficácia e eficiência, havendo a necessidade de se inserir também o fator humano.

Nesse sentido, é preciso entender a organização do trabalho, que segundo Fleury e Vagas (1983), consiste na relação básica estabelecida entre três elementos básicos da produção: pessoas, equipamentos e materiais em transformação. Com o entendimento e a análise das características de determinada organização do trabalho, pode-se propor melhorias que não estejam relacionadas apenas a produtividade e eficiência mas também a satisfação e realização pessoal do trabalhador.

Fatores como o posto, o ambiente, os regimentos, os serviços oferecidos, a remuneração, dentre outros, são “condições de trabalho” que devem ser considerados. A “atividade de trabalho”, o trabalho real, é o resultado comportamental de um operário sob certa situação de trabalho, enquanto a tarefa é o trabalho prescrito pela empresa, ou seja, uma das características da empresa. (SALDANHA, 2007).

A atividade artesanal surge quando a família camponesa deixa de ser ela própria e passa a produzir os instrumentos de trabalho e os artefatos necessários ao seu modo de vida (GOMES, 2008). A produção artesanal é um ofício de atividades manuais exercido por um artesão que ostenta a posição de chefe ou mestre artífice. Ele toma para si a responsabilidade pela produção e participa pessoalmente dela, mas pode utilizar de auxiliares membros de sua família ou um restrito número de aprendizes. Gomes (2008) ressalta que “o artesão é o responsável pela seleção da matéria-prima a ser utilizada e pelo projeto do produto a ser executado manualmente. Todo o processo de transformação da matéria-prima em produto acabado é da sua responsabilidade”. (GOMES, 2008). “No artesanato não existe separação entre patrimônio e força de trabalho” (GOMES, 2008).

De acordo com Gomes (2008), como o artesão é aquele que detém o saber-fazer, as ferramentas e a matéria prima da atividade, é ele quem adentra, desde a infância, os aprendizes, que geralmente são parentes e moram com o mestre, aprendendo as tarefas na prática diária da atividade e dentro do local de trabalho. Esses aprendizes, após a fase de aprendizado, tornar-se-ão quase certamente mestres. É, conforme Marglin (1996), uma hierarquia linear: aprendiz-companheiro-mestre.

Como enfatiza Freitas (2006), o artesão utiliza de ferramentas na produção como extensão de seus membros e, por isso, não prejudica a expressão humana e nem a característica de um produto manual. Dorfler (1978 *apud* FREITAS, 2006) coloca que, o artesanato, mesmo que submetido a uma repetição em numerosos exemplares, nunca alcança em todas as suas cópias a absoluta identidade de umas com as outras. Além



disso, nesse tipo de atividade, uma das peculiaridades da organização é a autonomia do artesão em relação ao controle do seu tempo de trabalho sem prejuízo da realização dela, dedicando assim parte de seu horário para dividir com a família e sua comunidade. As interações familiares e comunitária são os motores da formação do artesão nos aspectos expressivos de linguagem no produto.

Na forma de organização artesã, os instrumentos de trabalho são de propriedade do artesão e, em conjunto com técnicas caseiras e o saber-fazer, produz peças utilitárias, artísticas e recreativas ou até mesmo instrumentos de trabalho, com ou sem fim comercial, em locais pequenos, chamados de oficinas, geralmente, na própria casa ou em instalação anexa (GOMES, 2008). Gomes (2008) diz que os instrumentos de trabalho utilizados, a experiência e os hábitos formados empiricamente adquirem o caráter de tradições que, pouco a pouco, se transformam ao longo das gerações.

Um dos aspectos peculiares da atividade artesanal é que, apesar de toda familiaridade do artesão com o processo de produção, ele produz uma quantidade reduzida de peças (FREITAS, 2006). No entanto, na ânsia de atender às oportunidades oferecidas pela abertura de mercado, a espontaneidade produtiva pode transformar-se num sistema precário, de intensificação do trabalho e aumento em suas cargas física, psíquica e cognitiva (WISNER, 1987 *apud* FREITAS, 2006), decorrendo em prejuízo na qualidade final do produto e, principalmente, na saúde e moral deste trabalhador.

Uma das principais características da atividade artesanal é que o artesão detém o domínio do produto a ser moldado e do processo a ser praticado. O produto é resultado da relação entre o ambiente social e cultural em que o artesão está inserido e todas as etapas do processo possuem participação dele. Conforme diz Gomes (2008), a atividade artesanal se traduz em um “alto grau de satisfação e identificação com o produto” (GOMES, 2008, p.186). Segundo ele, o artesanato se diferencia da fábrica pelos critérios de produção mais qualitativos do que quantitativos, quando o artesão prefere até mesmo sua reputação a aumentar seus benefícios. Verifica-se que no artesanato não há um parcelamento sistemático das tarefas, existindo uma divisão do trabalho própria dessa forma de organização e peculiar de cada artesão.

Com o desenvolvimento do capitalismo comercial no século XVI, surge outra forma de organização do trabalho, o sistema de encomendas domiciliares ou putting-out system, em que a matéria-prima necessária à produção, em qualidade e quantidade, é fornecida pelo capitalista como parte de um processo que culmina na compra da produção realizada. O putting-out system é “baseado na distribuição da matéria-prima aos artesãos a quem se compra o produto acabado” (ROLAND, 1970 *apud* MARGLIN, Stephen, 1996, p. 41). Essa forma de se organizar começa a reproduzir as características do modo de produção capitalista por não mais expressar o trabalhador e seu meio, perdendo o produto o vínculo com o trabalhador e passando a atender exclusivamente ao mercado.

O tipo de sistema acima referido surge em consequência do empenho do capitalista industrial em comprar trabalho acabado por ainda estar acostumado com o modo comercial de trabalhar, onde as compras dos produtos eram feitas sem incertezas pela fixação de um custo unitário (BRAVERMAN, 1987). Foi uma forma natural de



surgimento, mas aos poucos foi que essa organização de trabalho trazia para o capitalista algumas deficiências.

3 Metodologia

A metodologia utilizada constitui-se de uma pesquisa descritiva exploratória. Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva intenciona descrever as características de uma população, fenômeno ou de uma experiência, ou seja, procurou-se entender, a partir do estudo de caso, como se constituía na prática a forma de organização do trabalho artesanal e assim propor melhorias adequadas. Também considera-se a pesquisa como exploratória, pois houve a necessidade de uma maior familiarização do estudo abordado.

Foi utilizada uma metodologia denominada de ação conversacional, que, segundo Vidal (2003), é realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas as quais se caracterizam por uma série de perguntas pré-estabelecidas, acrescentando verbalizações espontâneas e provocadas do entrevistado.

Para a ação conversacional foi elaborado um roteiro dinâmico a partir de pesquisas bibliográficas a respeito do trabalho artesanal. Em seguida, desenvolveu-se relatórios a quente e a frio. O relatório a quente é caracterizado por ser realizado imediatamente após a ação conversacional, em que foram reunidos todos os dados coletados durante a conversa direcionada. No relatório a frio, foi discutido a identificação e análise das formas de organização do trabalho e as propostas de melhoria. Várias visitas foram feitas ao local de trabalho da artesã, em que utilizou-se uma câmera digital para o registro da atividade em fotos e filmes.

4. Estudo de Caso

A artesã escolhida trabalha em um shopping de artesanato no bairro de Capim Macio, localizado na cidade de Natal/RN. Ela exerce a profissão de artesã há cinco anos e está no mesmo estabelecimento há três anos. Antes de ser artesã, era vendedora e também já trabalhou como ambulante (“sacoleira”), atividade com a qual adquiriu conhecimentos de venda. Em seu estabelecimento, a artesã vende roupas que compra do Ceará. Além de produzir fuxico em diversas formas, tais como: almofadas, cortinas, colares, colchas, entre outros produtos, os quais são vendidos inclusive para outros estados do país.

A produção diária, segundo a artesã, é de aproximadamente cinquenta fuxicos, chegando a produzir 100 por dia quando não tem muitas interrupções. Em relação às almofadas, a trabalhadora relatou que leva em torno de um mês para produzir o produto, pois, segundo a artesã, o trabalho de colagem é muito complexo. A produção de uma colcha leva em torno de quatro a seis meses.

Os principais clientes são os turistas, em virtude principalmente da localização do seu estabelecimento. Há também clientes de outros estados e cidades que são revendedores de seus produtos e constantemente fazem encomendas.

A artesã prefere trabalhar sozinha a ter que dividir ou parcelar seu trabalho com outras pessoas porque, segundo ela, os produtos saem com melhor qualidade e com um mínimo necessário de padronização. No entanto, isso acontece quando está produzindo para pôr à venda ou quando as encomendas são pequenas e/ou com prazos de entrega



dilatados. Em ocasiões de grandes encomendas e/ou prazos curtos de cumprimento, ela subcontrata colegas e familiares para ajudá-la na produção dos pedidos, pagando em troca um valor proporcional à produção, comparado à encomenda total.

Para a produção de fuxicos e dos produtos a partir deles, a artesã gosta de utilizar como matéria-prima retalhos de tecidos do tipo malha e ligante, pelo fato de que os outros tipos desfiam e dificultam o corte e a costura. No corte, a tesoura emperra, e, na costura, fica desfiando. Além disso, utiliza molde de forma arredondada, uma tesoura, linha, agulha, e, dependendo do produto a ser criado, usa também acrílico, cola quente e botões de diversos tipos. Esses materiais, que podem variar dependendo da criatividade, estão todos juntos dentro de uma caixa, prontos para serem utilizados.

A artesã usa molde de papelão, para tecidos mais leves, ou de madeira para tecidos duros e grossos. Ela tem diversos tamanhos de moldes para diferentes tamanhos de fuxico. Quando produz objetos do tipo “lembrancinhas”, faz fuxicos preenchidos por acrílico, um tipo de espuma. Para a produção de colares de fuxicos, utiliza cola quente para fixá-los à gargantilha. A artesã trabalha com dois tipos de se fuxico: o tradicional, de processo mais simples, e o tipo flor, que possui um processo diferente e apresenta o formato de uma flor.

A artesã tem preferência pela divisão de seu trabalho, terminando primeiramente os fuxicos para aplicar em outro material ou ainda costurá-los em seguida, para combinar melhor as cores. A aplicação de cada fuxico logo após a sua elaboração poderia limitar combinações mais interessantes. Como ela diz: “É necessário conhecer um pouco de moda e de combinação de cores”.

O início do processo de trabalho, seja qual for o tipo de fuxico, acontece com o corte de proximadamente cinco retalhos de tecidos por vez a partir do molde. A artesã informou que às vezes não usa molde em virtude da prática que já possui. Depois de vários cortes, caso pretenda fazer um fuxico tradicional, ela faz a costura de cada tecido arredondado fechando-o e formando o fuxico. Após a costura de vários tecidos, os fuxicos podem ser costurados entre si combinando cores e/ou formando imagens e assim dando origem aos produtos. Após a costura de cada tecido, pode-se ainda aplicar cada fuxico em outros materiais (como bolsa, tiara, tecido sem estampa, almofadas, cortinas) e dar origem a outros produtos, a partir da combinação de cores e/ou formando imagens.

Já, se for fazer um fuxico tipo flor, após a etapa de corte no molde, dobra-se o tecido em formato de pétala e costura-o. Nessa etapa, pode-se optar por preencher antes o tecido com acrílico para dar volume, dobrando e costurando depois. Por fim, costura-se cada pétala entre si e prega-se um botão no centro, formando uma flor. Fazendo várias dessas flores com diferentes combinações de cores pode-se aplicar em outro material, com já dito, ou costurá-las entre si.



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011



Figura 1 – Fuxico tipo flor

O processo criativo surge de acordo com os tipos das “flores”, a artesã se sente livre para inovar e experimentar novos modelos nos seus produtos, levando sempre em consideração a moda e a combinação de cores. A produção é moldada de acordo com os períodos do ano, produz-se mais em baixa estação para se vender mais nos períodos de férias (julho e de novembro a fevereiro). Entretanto, produz em ritmo indeterminado, sem estabelecimento de metas. Nesse processo de trabalho, a artesã pára a produção de acordo com o cansaço ou com as necessidades das atividades domésticas ou da loja que ela possui, porém relata que as paradas não atrapalham a produção.

Esse é o processo produtivo da artesã quando ela produz sozinha, geralmente para depois vender. Entretanto, quando há encomendas e são muitas para pouco tempo de trabalho, a organização da produção é diferente. Esse fato ocorre porque há a necessidade de parcelar as tarefas entre outras pessoas (mãe, colegas, irmãs, inclusive). Nesse caso, ela geralmente faz o fuxico tradicional e envia para seus sub-contratados a fim de que montem os produtos ou, ainda, envia os tecidos já cortados para que façam os fuxicos e montem os produtos. Feito o trabalho, ela junta tudo e entrega a encomenda. Nesse caso, ela diz não se preocupar mais com a qualidade, mistura tudo pro cliente não perceber. Mas, conforme menciona, o interessante é que alguns clientes percebem que não foi ela que fez e vem reclamar de costura que desfiou ou descosturou.

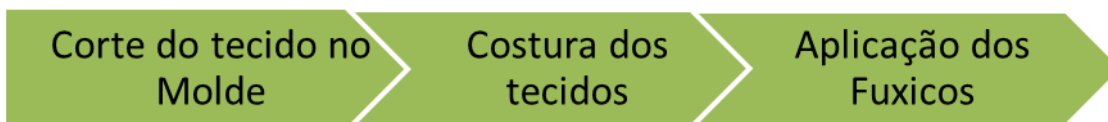


Figura 3 - Processo produtivo do fuxico tradicional



Figura 4- Processo produtivo do fuxico tipo flor sem preenchimento



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011



Figura 5 - Processo produtivo do fuxico tipo flor com preenchimento

Os tecidos são adquiridos em lojas de pronta-entrega que vendem os retalhos de roupas. Quanto às condições de trabalho da artesã, ela relatou ter dores na coluna. Seu horário de trabalho constitui das 11hs da manhã até as 22hs, de segunda a sábado, mas quando há encomendas sua casa também se torna local de produção. Seu trabalho é realizado em uma cadeira plástica muito utilizada em ambientes de bares e festas. “É bom [meu trabalho]. Eu que faço meu horário”, diz a artesã. Em alguns momentos, por causa do manuseio com agulhas, pequenos acidentes são registrados, mas segundo a profissional, são fatos inerentes a profissão. Conforme ela diz, “Se furar a gente se fura direto. É normal”. Além disso, há também formação de calos nas mãos pelo uso constante da tesoura.

Quando adoece ou precisa se ausentar da atividade por quaisquer problemas, a produção artesanal pára, mas a atividade comercial da loja se mantém por meio de uma “folguista” contratada. A artesã ainda não recebe o seguro social e não tem a carteira de identificação do artesão pela qual se tem benefícios fiscais, porém afirmou providenciar os devidos documentos. Além disso, sua alimentação diária é feita no local de trabalho e comprada em uma lanchonete próxima, antes de começar o trabalho possuía a obrigação de preparar o alimento para o marido e os seus filhos. Possui uma boa remuneração com a atividade que realiza.

5. Análise da Forma de Organização do Trabalho

A maneira como as pessoas realizam um trabalho determinam a forma de organização deste e isso traz conseqüências, para o produto, o mercado, a produção e os trabalhadores. Diante do que foi observado no que se refere à maneira de como a artesã trabalha, nota-se que ela realiza suas atividades sob duas formas de organização do trabalho: o sistema artesanal individual e o sistema de encomendas domiciliar, já caracterizadas e que agora serão contextualizadas. Entretanto, por utilizar dessas duas formas de organização, há a necessidade de analisar as repercussões para cada uma delas, que possuem características singulares e, portanto, conseqüências também diferentes.

A forma de organizar o trabalho no artesanato individual tem como principal característica observada o fato do aumento da capacidade criativa da artesã como uma conseqüência do domínio que ela possui de todo o processo de produção e de concepção do produto, gerando, portanto, maior diversificação e qualidade para o produto final.

O fato de existir troca de experiências com outras artesãs torna o trabalho mais prazeroso para ela, gerando repercussões tanto em termos de motivação, quanto em termos de qualidade e satisfação, para o produto e mercado, respectivamente. Isso porque os produtos são feitos com maior dedicação, com maior zelo, com o tempo



8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

determinado pela mestre-artesã. Como diz ela própria: “Gosto de ver o produto, as pessoas elogiam. É prazeroso trabalhar. Meus produtos sempre têm qualidade”.

Tendo em vista que apenas uma pessoa tem o domínio do processo e suas faculdades mentais são requeridas em todos os momentos, a produção tende a ser mais lenta, mas a divisão do trabalho que a artesã realiza vem atenuar uma repercussão negativa ao acelerar a realização da atividade. Ela diz: “É mais rápido dividir o trabalho”. Ela passa, por exemplo, 1 mês para produzir uma toalha de mesa só de fuxicos. Ainda, outra característica é a passagem do conhecimento tácito, o “saber fazer”, do mestre para um aprendiz. No caso, é a filha, de 6 anos de idade, que está em processo de aprendizado, já ajudando nas produções. Entretanto, a mestre não tem o desejo que a filha torne-se artesã e utilize dessa atividade como meio de vida. Além disso, ela, a mestre, também ensina outras pessoas, turistas e colegas, mas em um processo mais simples, sem acompanhamento contínuo. Contudo, sabe-se que se o processo de ensino-aprendizagem não ocorrer, o ofício artesão tende a se extinguir, influenciando diretamente o trabalhador. Pois como o “saber-fazer” é dominado por uma só pessoa, o não passar desse conhecimento interfere na existência contínua na história do saber.

A flexibilização da jornada de trabalho, tendo sua característica maior nas pausas coordenadas pelo próprio trabalhador, torna o trabalho menos cansativo e conseqüentemente mais prazeroso para o artesão. Por outro lado, a produção pode ser afetada no que se refere à quantidade produzida. No caso em estudo, a artesã relatou que a produção não é contínua, as pausas dependem do cansaço dela. E quando se tem que ainda dividir o tempo de trabalho com afazeres domésticos esse comprometimento é ainda maior, como é o caso em estudo. Outra repercussão importante a ser citada é o fato dos produtos nunca saírem iguais ao término da produção: “Sempre tem alguma coisinha que muda”.

Quando a organização é feita por encomenda nota-se que a artesã não gosta muito de realizar, preferindo trabalhar sozinha por causa dos clientes ficarem apressando a conclusão dos pedidos. Dessa forma, por eles determinarem a produção de um só tipo de produto o que provoca monotonia e cansaço e por também, apesar de serem poucas às vezes, determinar um tipo de tecido que ela não gosta de trabalhar. Uma das características dessa organização é, justamente, essa intensificação da atividade de trabalho pelo qual se procura atender as exigências do mercado e que gera aumento de fadiga e stress a quem realiza o trabalho, potencializando as irregularidades no tempo da produção inerentes a essa forma de organização e que já eram expressivas na atividade artesanal simples. Entretanto, aqui há um agravante que é a necessidade de estar atendendo a tempo hábil o mercado, portanto, essas irregularidades na produção são cada vez mais inadmissíveis.

Nesse sentido, ela relatou que sua irmã já ficou até 3 horas da manhã fazendo fuxicos para não perder um cliente de outro estado. E, conforme já foi descrito, quando ela percebe que o pedido é muito grande para pouco tempo, então envia a matéria-prima para outras pessoas a fim de ajudá-la a concluir com êxito a encomenda e não perder o cliente. A conseqüência de tudo isso é a perda da padronização dos produtos encomendados, do rigor da qualidade, tendo em vista que as situações de trabalho são diferentes, os meios de trabalho são diferentes, os conhecimentos tácitos são diferentes,



logicamente, os produtos finais acabam ficando também diferentes. Assim, muitas vezes, a artesã não faz o produto que quer ou gosta de fazer ou com a matéria-prima que ela quer ou gosta de utilizar porque os clientes exigem o modelo e o tecido a ser trabalhado, provocando uma queda na criatividade da artesã.

6 Propostas de Melhoria

Levando-se em consideração o enfoque deste artigo nas repercussões que as formas de organização do trabalho trazem para o produto, o mercado, a produção e os trabalhadores, além de outros aspectos, não menos importante, mas também observados, propõem-se algumas melhorias para potencializar características positivas e/ou melhorar negativas.

Diante do fato de a mestre-artífice não estar em nenhum processo de ensino do ofício com total afinco, propõe-se uma real formação de aprendizes a fim de a arte de produzir fuxicos persista e desenvolva-se historicamente.

Outro fato importante que foi observado é a não valorização da demonstração dos produtos feitos de forma artesanal. Eles ficam quase que escondidos diante de outros produtos não-artesanais que a mestre também comercializa. Nesse sentido, há a necessidade de colocarem-se os produtos feitos com fuxico com maior destaque no *stand* de vendas.

Quando da produção em regime de encomendas, com intuito de atenuar a desmotivação ao longo da atividade, recomenda-se que se produza junto com outras pessoas – familiares, como suas irmãs, e colegas que trabalham com a arte, aprendizes – e em um mesmo ambiente. Dessa forma, pretende-se que não só mitigar a desmotivação, mas aumentar o padrão de qualidade que diminui com as encomendas, quando com parcelamento de tarefas.

Também se recomenda que em sua produção utilize de uma cadeira com características mais adequada ergonomicamente, ao invés da cadeira de plástico que atualmente utiliza, tendo em vista que esse tipo de acento deixa a coluna em posição não alinhada e os ombros curvos e pode estar provocando e/ou aumentando as dores na coluna que ela diz sentir.

Por fim, recomenda-se que a artesã comece as suas contribuições à previdência social a fim de que se prepare para ter um futuro mais tranquilo, além de, também, inicie os processos para obtenção da carteira do artesão para que se beneficie de incentivos fiscais que irão se reverter em maiores ganhos financeiros, ajudando, inclusive, a pagar o seguro social.

7 Conclusões

Este trabalho teve como enfoque principal proporcionar um contato direto com a atividade de trabalho artesanal a fim de fazer a identificação e análise das formas de organização desse trabalho com as devidas repercussões nos resultados da atividade e apresentar novas melhorias para o processo de trabalho.

Ao analisarmos cuidadosamente o trabalho da artesã pudemos observar que ela possui apenas um planejamento de vendas que se dar de acordo com a sazonalidade da



atividade. O produto feito pela artesã possui uma baixa visualização no seu *stand* de vendas o que dificulta a venda e a valorização do mesmo.

Percebeu-se também que a artesã possui um grande prazer em produzir os seus fuxicos e tem a liberdade de criação quando ela produz no sistema artesanal individual simples diferentemente quando ela produz para o sistema de encomendas domiciliar no qual existe um prazo para entrega do produto e com isso gera uma pressão maior sobre o artesão e também não se possui uma liberdade de criação porque tem que fazer o produto de acordo com as especificações do cliente.

Em suma, a maneira de como se realiza o trabalho artesanal – seja no sistema artesanal individual simples, seja no sistema de encomendas domiciliar – interfere na disposição do trabalhador, na quantidade produzida, na escala do mercado, na qualidade do produto. Por isso, a necessidade de se estudar as formas de organização do trabalho para que a partir disso possa-se propor sistemas de trabalho que venha atender, não de forma maximizadora, mas satisfatória todos os elementos que os formam.

O artigo teve como referência apenas um posto de trabalho artesanal, sendo as características da organização do trabalho artesã baseadas nessa experiência, o que se mostra insuficiente para caracterizar a organização do trabalho artesanal em sua totalidade.

8. Referências Bibliográficas

BRAVERMAN, H. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Editora Guanabara. Rio de Janeiro, 1987. 379 p.

FLEURY, A.C.C., VARGAS N. *Organização do Trabalho: uma abordagem interdisciplinar: sete casos brasileiros para estudo*. São Paulo, Atlas, 1983.

FREITAS, A. L. C. *A Engenharia de Produção no setor artesanal*. Anais do 29º ENEGEP, Fortaleza, 2006.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, C. *Antecedentes do Capitalismo*. Portugal, 2008. p. 185-189. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros/2008a/372/372.zip>>. Acesso em: 10 out. 2009.

GROZ, André. *Crítica da divisão do trabalho*. Editora Martins Fontes, 2 ed. São Paulo, 1996.

SALDANHA, M.C.W. *Trabalho, Condições de Trabalho e Situação de Trabalho*. Apostila Ergonomia no Ambiente de Trabalho, CEGQ-PEP -UFRN, 2007.

VIDAL, M. C. *Guia para análise ergonômica do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. Virtual Científica, 2003.